

Museu da República e r(e)existência: arte e memória em tempos de crise

MARIO CHAGAS

Museu da República

O Museu da República acolheu, no período de 3 a 5 de dezembro de 2019, o XXII Encontro de Pesquisadores do Programa de Pós-graduação em Artes Visuais da Escola de Belas Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGAV-EBA-UFRJ) que estimulou reflexões e trocas a respeito das relações entre arte e memória em tempos de crise.

Além de um seminário potente, cujos resultados são aqui apresentados, foram realizadas intervenções artísticas que ocuparam o Jardim Histórico, o Coreto e outros espaços do Museu da República.

Professores, pesquisadores, artistas e estudantes participaram do seminário e das intervenções artísticas que se orientavam por uma regra básica: todas as experiências deveriam ser compartilhadas e tratar rigorosamente do tema proposto.

Mas afinal, de que tema se tratava?

O material de divulgação do XXII Encontro expunha de modo claro o seu coração temático: é importante investir na “relação entre arte e memória”, incluindo a tarefa (im)possível que teria sido atribuída à arte, qual seja, a de “representar tempos pregressos à luz do presente e trabalhar com os vínculos simbólicos de uma sociedade com suas narrativas”. O tema proposto considera que a relação entre memória e arte não constitui uma novidade e, considera também que, em sua “frágil e plural conexão com passado(s), presente(s) e futuro(s), a memória, bem como suas potencialidades”, “continuam a ser reelaboradas e reconfiguradas por práticas, agentes e instituições da arte”.

Síntese: em tempos de crise se intensificam os “questionamentos sobre como a arte, suas estratégias e aparatos podem reiterar, contribuir ou desafiar construções e apagamentos da memória”. Em outros termos: urge refletir “sobre quais memórias ou contramemórias ganham visibilidade ou continuam a ser silenciadas no campo da arte e em sua relação com a sociedade”.

Três eixos temáticos: “A pluralidade das narrativas da memória”, “Apagamentos da memória” e “As diferentes potências de elaboração da memória na arte”, acolheram e orientaram, por meio de

interrogações bem construídas, as diversas atividades do Encontro.

O material de divulgação acima citado apresentava também três finalidades:

1. “A promoção e o incentivo à visibilidade e difusão das pesquisas e produções artísticas desenvolvidas no âmbito do PPGAV, relacionando-as a outras pesquisas, práticas e pensamentos do campo”;
2. “O fomento ao debate e trocas entre diferentes pesquisadores, estudantes, artistas, profissionais da arte e campos afins, e o público, bem como o diálogo e integração entre a graduação e a pós-graduação, entre a universidade e a sociedade” e
3. “A identificação de questões afins e divergentes entre os participantes, de modo a levantar diferentes aspectos e destacar a importância de um trabalho ativo e crítico de construção, preservação e trocas no campo da memória, bem como o mapeamento de tais questões em relação à conjuntura atual da produção artística e ao contexto sócio-histórico no cenário contemporâneo”.

Raras publicações, que colocam em diálogo memória e arte, são tão contemporâneas e necessárias quanto esta, que aqui se oferece. E um dos principais motivos, talvez, lhe seja externo e, esteja associado à expressão “tempos de crise”. O motivo do talvez é simples: vivencia-se, em termos nacionais, uma crise cuja duração, não é pequena.

Oxalá! Esta publicação tenha boa acolhida, seja bem recebida, lida, debatida, examinada e criticada. Oxalá! Ela tenha serventia aqui e agora, lá e amanhã.

Eventualmente, alguém com um olhar ligeiro para a vida e para as instituições culturais, poderia levantar a seguinte questão: qual o sentido do Museu da República abrigar seminários e exposições de arte contemporânea?

Antes de tudo, é preciso dizer que o Museu da República tem uma tradição de diálogo intenso e forte com a arte contemporânea há mais de 20 anos. Além disso, o MR considera-se, especialmente na atual gestão, como um museu contemporâneo, como um museu comprometido com os direitos humanos, com a cidadania, com a produção de conhecimentos no campo da arte, da ciência, da filosofia e da religião no mundo contemporâneo. De outro modo: o MR é um museu em movimento e é também um museu que rompe com as categorias de museus de ciência, arte e história. O Museu da República, incluindo aí o Museu Palácio Rio Negro, em Petrópolis, pensa-se como um *museu da res publica*, da coisa pública, do assunto público, do bem comum.

Juste-se a isso o entendimento de que a arte (contemporânea), assim como a filosofia e a ciência, não fez votos de obediência e clausura, ao contrário, ela está atravessada pela vida e atravessa a vida e é nesse ponto, nesses atravessamentos, nessas encruzilhadas, que o Museu da República se encontra e se reencontra com a arte, com a poesia, com a história, com a ciência, com a vida. Um museu que não serve para a vida, não serve para nada.

